

## O boi-bumbá como representação discursiva e ideológica da sociedade amazonense

Márcio Fernandes Conceição<sup>1</sup>  
*Universidade Federal do Amazonas*

### Resumo

A brincadeira de boi-bumbá é uma manifestação folclórica pertencente à cultura brasileira caracterizada como folguedo. É constituída de elementos teatrais, onde, profano e religioso se entrelaçam para contar a história de um boi que é morto e logo depois ressuscitado. Oriundo do Nordeste, esta manifestação cultural se espalhou por vários cantos do país recebendo diversos nomes. No Amazonas, em especial, na cidade de Parintins, essa brincadeira popular ganhou características culturais e sociais próprias da região amazônica, deixando de lado alguns traços principais como a morte-ressurreição do boi, para celebrar somente o boi-ressuscitado, junto a isso, foram atribuídos temas como a preservação da floresta, a cultura ribeirinha, as lendas amazônicas e a preservação dos costumes indígenas. Nesta perspectiva, o presente artigo objetiva analisar de forma discursiva a brincadeira de boi-bumbá, suas representações ideológicas, as classes sociais, as manifestações do poder e sua relação com a temática da preservação da natureza e do índio, usadas pelas classes dominantes e pelas construções midiáticas, bem como as novas tendências do boi de Parintins. Para essa análise utilizamos como fundamentação alguns pensadores da Análise do Discurso (AD) como: Antônio Gramsci, Mikhail Bakhtin e Louis Althusser. Uma análise baseada na análise de discurso de linha Francesa fará reflexão sobre a figura de cada parte da brincadeira de boi como símbolo metafórico, da sociedade amazonense.

**Palavras-chave:** Social; Sujeito; Representação; Discurso; Ideologia

### Abstract

The boi-bumbá's play is a folkloric manifestation belonging to Brazilian culture characterized as merriment. It consists of theatrical elements, which, profane and religious intertwine to tell the story of an ox that is killed and resurrected soon after. Coming from the Northeast, this cultural event has spread to many parts of the country receiving various names. In the Amazon, especially in the city of Parintins, this popular joke gained cultural and social characteristics typical of the Amazon region, leaving aside some main features such as the death-resurrection of the ox, only to celebrate the ox-raised, along with it, subjects were assigned as the preservation of the forest, riverside culture, Amazonian legends and the preservation of indigenous customs. In this perspective, this article aims to analyze discursive form blogging ox-bumbá, their ideological representations, social classes, demonstrations of power and its relation to the issue of preservation of nature and the Indian, used by the ruling classes and the media constructions as well as new trends in the Parintins Ox. For this analysis we used as the basis of some thinkers Discourse Analysis (AD) as Antonio Gramsci, Mikhail Bakhtin and Louis Althusser. An analysis based on the French line of discourse analysis will reflect on the figure of each of the ox play as metaphorical symbol, Amazonian society.

**Keywords:** Social; Subject; Representation; Speech; Ideology.

---

<sup>1</sup> Discente do 9<sup>o</sup> período de Letras Língua e Literatura Portuguesa – Universidade Federal do Amazonas

## Introdução

A brincadeira de boi-bumbá teve origem no nordeste brasileiro. Nesta região é conhecida como bumba-meu-boi. Segundo Marques (1999), o bumba-meu-boi nasce no século XVII em meio à sociedade escravista brasileira, onde as lutas étnicas entre escravos, índios e brancos se intensificavam. Essa brincadeira trazia, já naquela época, representações lúdicas e inversão dos papéis da sociedade, fazendo com que a prática fosse conhecida como um acontecimento marginal:

Por misturar no auto popular comédia, sátira, drama, teatro e música, através da brincadeira, do rito profano-religioso, da pilhéria, da malandragem e da construção de personagens caricaturas, os grupos podem narrar seus dramas, denunciar condições em que vivem, exigir uma participação política na construção do país e reivindicar direitos negados. Por isso, o boi aparece diante dos periódicos já em 1820 como folguedo agressivo, violento, baderneiro, insólito, barulhento e atentador da ordem moral. Mas, principalmente, como uma brincadeira de negros, cativa de punições e proibições desde 1814 (MARQUES, 1999, p. 116).

É neste cenário social que a brincadeira de boi realizou suas primeiras andanças como folguedo, formado por pessoas simples, excluídas por suas condições sociais, sendo praticada nos engenhos, no litoral nordestino e nas fazendas. Como uma manifestação mestiça e estigmatizada pela elite, o boi-bumbá foi conduzido na história pela sabedoria comum das pessoas marginalizadas, moldando-se às suas crenças, suas alegrias e histórias de vida, e assim foi durante muito tempo, pois, quem cuidou de sua preservação foram as pessoas simples, chamadas de “inferiores” e que usavam suas concepções de mundo para dar vida à uma diversão que servia, tanto como manifestação política, social de denúncia e resistência, quanto para divertir o povo simples e explorado. Esse conhecimento inerente a esta brincadeira, lembra que Gramsci, via todos os homens como filósofos e assim dizia que “não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*” (GRAMSCI, 1995, p. 7 in SOUZA, 2006), ou seja, todo o homem é por natureza um filósofo.

Afinal, concepções do mundo permeiam não apenas a língua que usamos, mas também o senso comum, que nos orienta, nossas crenças, opiniões e modos de agir. Logo, os membros das classes subalternas numa sociedade capitalista, as classes dos “simples”, ou “simplórios”, para usar uma expressão de Gramsci, possuem também, e obviamente, as suas concepções de mundo, realizando atividades intelectuais, o que faz deles filósofos também (SOUZA, 2006, p. 20).

O boi-bumbá nasce da concepção de mundo da classe dominada diante da classe dominante, por isso, tem identidade própria e se concretiza muito mais do que uma simples

encenação que satiriza a sociedade, é um conjunto de discursos ideológicos que a representam. Cada brincante tem uma função única, sendo sujeitos que assumem o discurso de cada classe social, que não somente representa a época em que o auto foi concebido, mas, também suas formações discursivas diante da situação da sociedade atual. Mudou-se o tempo, mudou-se o espaço, o boi foi para outras freguesias e em cada uma delas abstraiu a cultura e o aspecto social daquela região, ganhando a partir dos territórios alcançados, novas características sociais, além, de preservar suas principais características.

Assim, este folguedo vai chegar aos territórios amazônicos, trazido por nordestinos à procura de uma vida melhor. Logo, a brincadeira formará vários grupos nomeados pelo nome de cada boi (Pai do Campo, Corre Campo, Mineirinho, Surubim, Galante, Campineiro, Coração Vermelho, Sangue Azul, Diamante Negro, Caprichoso e Garantido) entre outros, serão realidades em várias cidades amazonenses como: Manaus, Itacoatiara, Boa Vista do Ramos, Itapiranga, Parintins e etc. No entanto, foi em Parintins que a brincadeira de boi-bumbá ganhou novos moldes e se uniu totalmente à cultura amazonense, tornando-se uma identidade para o povo do Amazonas. Em Parintins, o boi vai deixar a antiga estrutura de folguedo de rua, para unificar a ela conteúdos amazônicos até chegar a uma grande celebração folclórica apresentado em um tipo de arena denominada bumbódromo. Assim, o auto do boi que narra a morte e a ressurreição do boi deu espaço a uma segunda parte da narrativa que focaliza a festa de sua ressurreição. O boi vive, não morre mais, além disso, foram unificados à brincadeira, as lendas do Amazonas, o discurso de preservação da natureza e da cultura indígena, entre outras características peculiares de nossa região. As músicas passaram por mudanças, foram atribuídos a elas não somente tambores, mas, outros instrumentos musicais que a tornaram mais ritmadas. Todas essas mudanças aliadas à ação da mídia e à ajuda do governo abriram as portas para as pessoas prestigia-la e torna-la a maior festa folclórica do mundo.

Tendo em vista toda a grandeza que é a festa de boi, podemos nos interrogar: Como podemos perceber o que está metaforizado pelos símbolos que constituem a representação da sociedade nesta festa?

A Análise do Discurso nos dá instrumentos que nos fazem compreender a metáfora dos símbolos e nos torna capazes não somente de fazer uma análise no contexto histórico, desde as primeiras manifestações do boi-bumbá, mas também de entendermos quais são os tipos de representatividade discursiva que permeiam a brincadeira de boi nos dias hoje, representadas pelo boi de Parintins nas cores azul do boi Caprichoso e vermelho do boi

Garantido. Neste sentido, ao ganhar novas formas discursivas, o boi-bumbá que pertencia a uma classe desprestigiada, agora sofre uma inversão, sendo utilizado também como discurso das classes que estão no poder. A festa preservou o discurso contestador da sociedade, porém, dentro dos moldes da sociedade atual, aliando a ela temas como: preservação da natureza, do índio, valorização da terra e cultura ribeirinha, utilizadas também como propagandas de sustentação das classes dominantes, diferentemente do auto-do-boi antigo que era visto como algo criminoso e nocivo à sociedade da época.

### **O auto do boi e a representação da sociedade num discurso de manifestação de poder**

O Auto do boi é a parte principal de qualquer brincadeira de boi-bumbá. Segundo Furlanetto (2011), no Maranhão e Rio grande do Norte, Alagoas e Piauí é chamado de bumba-meu-boi; no Pará e Amazonas é chamado de boi-bumbá, no Ceará e Espírito Santo é denominado boi-de-reis; no Paraná e Santa Catarina denomina-se boi-de-mamão. Como podemos perceber, assim como os nomes mudam de um local para o outro também acontecem outras mudanças em suas características, no entanto, o enredo principal continua sempre o mesmo. Essa versão do auto do boi que será analisada é a versão mais conhecida no Amazonas:

A história do boi-bumbá se inicia em uma grande fazenda. O dono da fazenda vive com sua família, entre elas, vive a filha dele, moça formosa, conhecida por todos como Sinhazinha. Pessoas experientes contam que o dono da fazenda tinha muitos bois e empregados, entre os bois, existia um que era o mais preferido entre todos. Ele era o mais bonito da fazenda. Como o pai gostava muito de sua filha, resolveu dar de presente a ela este boi favorito. Sinhazinha ficou muito feliz pelo presente e todos os dias saía para o curral onde dava sal e capim para o boi comer.

Existia também na fazenda, um casal de escravos. Seus nomes eram: pai Francisco e mãe Catirina, os dois trabalhavam muito na fazenda, até que certo dia, mãe Catirina ficou grávida e entre tantos desejos que tinha, quis comer a língua do boi mais querido. Esse desejo com o tempo só foi aumentando e a única coisa que poderia saciá-lo era a língua do boi escolhido pelo dono da fazenda. Catirina, então, pediu muito a pai Francisco, que ao final, acabou aceitando tirar a língua do boi.

Uma noite, pai Francisco roubou do curral o boi e o levou para um lugar escondido. Neste lugar, pai Francisco matou o animal e deu a língua do boi para que Catirina sacia-se seu desejo de grávida.

Pela manhã, os empregados não encontraram o boi. Foram e contaram o que havia acontecido para o patrão. O dono da fazenda ficou furioso e pediu que os peões, entre eles, um chamado Gazumbá procurasse. Depois de o procurarem por toda a redondeza, encontraram o boi morto e correram para contar ao Amo, nome com que também era conhecido o dono do boi. Todos ficaram muito tristes, enquanto sinhazinha não parava de chorar.

O patrão mandou chamar todos e pediu que Gazumbá procurasse os responsáveis pela matança do boi. Gazumbá, o capataz da fazenda, procurou e acabou por pegar pai Francisco e Catirina, que com medo do castigo acabaram assumindo a culpa. Eles chamaram o médico e o padre para rezar pelo boi, não dando jeito, acabaram por chamar um pajé de uma tribo próxima que poderia ajudar. O pajé foi chamado e, no decorrer de sua pajelança, conseguiu ressuscitar o boi. Todos ficaram muito felizes e houve grande festa na fazenda.

Segundo Biavati e Silva (2012 p.164) “E uma história que presentifica as relações sociais de uma época, tornando-se, desse modo, um evento discursivo”. O discurso ideológico que encontramos no auto do boi pode ser entendido como representação da sociedade e suas classes sociais. Língua e história se fundem metaforicamente para serem apresentadas pelo auto e levados pela imaginação dos indivíduos. Souza (2006, p.17 ) declara:

[...] o discurso é essa conjugação necessária da língua com a história, produzindo a impressão da realidade. O gesto da formulação é o gesto ideológico mínimo, o que consome imaginário do sujeito a sua (relação imaginária com a realidade) em que o assujeitamento “se realiza precisamente no sujeito sob a forma de autonomia”. (SOUZA, 2006. p, 17)

No Auto do boi, a partir do momento que os brincantes estão atuando na arte cênica, os sujeitos ideológicos são assumidos por aqueles que o representam. Ao assumir os sujeitos ideológicos os brincantes de cada agremiação assumem toda a cultura e a história social que durante os anos foram construídas em relação à brincadeira, constituindo assim enunciados que vão se remodelando e se reinventando pela ação de todos os envolvidos. Neste sentido, a brincadeira de nossa análise carregada de simbologia, sempre estará ligada á vida das pessoas que dela participam ou da sociedade em que está inserida, e assim, conforme seu desenvolvimento, também vai ganhando novas características sociais, culturais e históricas.

Os enunciados estão sempre ligados a uma atividade humana, desempenhada por um sujeito que tem um lugar na sociedade e na história, ou seja, um sujeito que sempre está em interação com outros sujeitos. Por isso, o signo para Bakhtin não é lingüístico, mas ideológico, ou seja, é carregado de sentidos que dizem respeito a uma posição social, histórica e cultural. (SILVA, 2013, p. 51)<sup>2</sup>

O primeiro cenário de nossa análise é a grande fazenda, é ela que vai ser o palco onde o auto irá acontecer. Ela pode ser vista como o território por onde andam as ideologias que vão entrar em atrito, cheia de simbolismo, irá representar as classes sociais, onde os dominantes lutam pelo domínio do poder político e a manutenção desse e dos aparelhos de Estados, forçando as classes “inferiores” a obedecerem e aderirem as suas ideologias dominantes, para que sejam sempre explorados. Assim, o território é a sociedade onde os homens estão divididos pela ação da superestrutura e da infraestrutura<sup>3</sup> que vão reproduzir os meios de produção da sociedade. Segundo Silva (2013, p.80)<sup>4</sup>, Althusser quis indicar que a sociedade possui uma unidade particular entre a estrutura econômica e a superestrutura política e ideológica. É no território que todo o delinear do auto representa essas estruturas políticas e econômicas em nossa sociedade.

Neste contexto, o dono da fazenda representa o homem possuidor da terra, a elite da sociedade, o patrão que determina a lei e manda em seus empregados, assuntos abordados por Engels e Marx.

[...] as ideias da classe dominante são, a cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante, isto é, ao mesmo tempo, sua força espiritual. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual. [...] Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda a extensão, e consequentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de idéias; que regulem a produção e distribuição de idéias de seu tempo e que suas idéias sejam, por isso mesmo, as idéias dominantes da época (MARX; ENGELS apud SOUZA, 2006. p. 51)

O dono do boi, conhecido como o “Amo do Boi”, recebe em si o discurso das classes dominantes. É ele, o homem rico que com mão firme comanda todo o território, tem empregados, vaqueiros, escravos e que tem nas mãos a riqueza e o bem mais precioso, o boi, que representa não somente a sua riqueza, mas, o meio de produção que a fazenda para seu

---

<sup>2</sup> SILVA, Adriana Pucci Penteadó de Faria. “Bakhtin”. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. Estudos do Discurso: Perspectivas Teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

<sup>3</sup> De acordo com a Teoria Marxista, a sociedade humana é dividida em infraestrutura que são as forças e relações de produção e superestrutura que inclui a cultura, instituições, estruturas de poder político e o Estado.

<sup>4</sup> SILVA, José Otacílio da. “Althusser”. In: OLIVEIRA, Luciano Amaral. Estudos do Discurso: Perspectivas Teóricas. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

sustento econômico produz. Como acontece dentro da sociedade no sentido do capitalismo, quanto maior for a produção, maior será a geração de riqueza e conseqüentemente ela será daquele que detiver o poder em suas mãos.

Nesta brincadeira o bem mais precioso é o boi. Ele metaforicamente representa a riqueza e o modo de produção da fazenda. O boi é o principal personagem, aquele que é responsável da festa existir. Tudo gira em torno dele, a tensão e a ruptura da ordem dentro da sociedade do auto; acontecem quando ele é morto por um dos escravos da fazenda. Seu bailado dentro do território, configura-se como a riqueza produzida dentro da sociedade, onde todos trabalham em prol de sua manutenção. Sua evolução causa rupturas, domínio, e poder dentro da fazenda, onde, o dono do boi que é representante do poder econômico e político, prevalece sobre os outros empregados. Assim Biavati e Silva afirmam:

No bailado do boi cabe observar que essa figura imponente e forte demonstra dominação frente ao território onde acontece a dança. Além disso, seus chifres amedrontam e definem seu espaço. Ele causa medo e admiração porque simboliza na história um boi ressuscitado que fora importante para o dono da fazenda – personagem que remete à dominação sobre aquele que roubou o animal. (BIAVATI; SILVA, 2012. p, 180)

Outro item importante é a sinhazinha, filha do Amo do Boi, representa a figura feminina que nasceu para obedecer, ela representa a mulher rica, que ganha o bem mais precioso do coração do pai, apesar disso, ela se personifica como mulher sem autonomia nenhuma, estereótipo daquilo que deveria ser a mulher naquele sistema social, mas, ainda presente em nossos dias, como exemplo de como as mulheres deviam se comportar em relação à sociedade. A sinhazinha é posta como uma moça loira, que juntamente com seu pai representa as ideologias brancas, ou de poder, mas, que é adorada pelos outros personagens, e um ser muito querido. Ainda hoje ela se configura como personagem importante nas apresentações do boi-bumbá.

Na outra parte da fronteira de luta de classes se encontram Mãe Catirina e Pai Francisco. A figura dos dois representa as classes sofridas, marginalizadas e excluídas de nossa sociedade que em geral é negra, pobre e escravizada pelos meios de produções operados pelo capital e pelo sistema de governo de nosso país.

A representatividade de Catirina, mulher escrava e que tem o desejo de comer a língua do boi, se configura como a personificação da mulher pobre, que tem desejos próprios, ou seja, é autônoma apesar de sua condição social.

Sua figura é de uma personagem bastante atrevida. E a partir dela que é desencadeada toda a ruptura social-discursiva que acontece na brincadeira do boi. Neste caso, o desejo de Catirina em se alimentar da língua do boi, reflete o desejo de que a classe dominada possa se servir dos bens mais preciosos da elite.

Pai Francisco e mãe Catirina, representam os sujeitos que entram em desacordo com as leis impostas por aqueles que dominam. Ao transgredirem as leis daquele território social, eles são perseguidos. “De modo esquemático, pode-se dizer, na estrutura, encontram-se em luta a classe burguesa e a classe proletária e, na superestrutura, encontram-se ideologias que corresponderiam aos interesses e às aspirações dos proletários” (AMARAL, 2013, p.26).

Essa tensão na narrativa se dá pelo roubo e morte de um boi, mas, o discurso não representa somente o boi. Metaforicamente ele é o modo de produção e a representação da riqueza máxima da fazenda, pois, a fazenda sem nenhuma produção certamente faliria, e sem sua força produtiva, certamente a classe dominante perderia o poder sobre seu território político e social.

Já os vaqueiros são representações simbólicas dos homens assalariados e que vão em busca de pai Francisco e mãe Catirina, exercem a função de aparelhos repressivos do estado, como indica Althusser:

Todos os aparelhos de estado funcionam pela repressão e pela ideologia ao mesmo tempo, com a diferença de que o Aparelho (repressivo) de Estado funciona maciça e predominantemente pela repressão, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam maciça e predominantemente pela ideologia (ALTHUSSER, apud SOUZA, 2013, p. 51).

No auto do boi, encontramos também a representação religiosa da época. Um padre católico, em narrações antigas do auto, ganha o poder de curar o boi. Em outras versões, o boi é ressuscitado pela força da promessa feita em geral a São João, tanto que em Parintins o boi garantido é considerado “O Boi da promessa”, assim como o Caprichoso que também nasce a partir de uma promessa a São João Batista.

Ambos nascem da promessa ao seu santo padroeiro, o Garantido, da promessa que seu idealizador Lindolfo Montiverde fez caso ficasse restabelecido de uma enfermidade e o Caprichoso de uma promessa feita por seu criador Roque Cid, que criaria um boi de pano para dançar caso conseguisse se estabelecer nas terras amazônicas, com família e progresso. O padre também representa um dos os aparelhos Ideológicos do estado que busca sempre a manutenção do ideal do poder, a ressurreição do boi.

Quando a brincadeira de boi vai abstraindo traços de nossa cultura, vai ganhando força a crença e a religião indígena, a figura do padre vai sendo substituída pela pajé, autoridade religiosa da tribo, e a espiritualidade indígena vai sendo inserida no festival, contudo, a influência da religião católica continua, já que nas músicas podemos observar a religiosidade católica em especial a São José e a Nossa Senhora do Carmo, padroeira de Parintins.

Além do Pajé como representação das etnias indígenas, as tribos e outras figuras típicas da realidade das tribos foram sendo atribuídas e ganhando importância, diferentemente do início em que a participação da figura indígena era vista apenas como figurantes, tanto que seu papel discursivo não era assumido pelos brincantes. Rodrigues (2006, p.42) escreve que em meados da década de 1990, era grande o contingente de amazonenses relutantes em admitir suas raízes indígenas dentro da brincadeira. Isso demonstra que havia um preconceito muito grande com a figura dos indígenas no Boi. Aos poucos vão aparecendo figuras importantes que irão representar os indígenas juntamente com o Pajé como: a beleza das índias com a Cunhã-poranga<sup>5</sup>, a Porta estandarte<sup>6</sup>, os Tuxauas<sup>7</sup>, Rainha do Folclore<sup>8</sup> e as tribos indígenas que ganham novo fôlego na brincadeira. Junto com os indígenas a figura do caboclo vai ganhando espaço, assim, como suas histórias e vida. A comunhão entre brancos, negros e índios vai dar origem a exaltação do povo Amazônico. Ribeirinhos pescadores, canoeiros, contadores de histórias, pessoas que no seu dia-a-dia desbravam a Amazônia. Ao assumir estas figuras e linguagens regionais o boi-bumbá torna-se identidade e cultura Amazonense.

### **O Boi-Bumbá: de Parintins para todo o mundo ver**

O boi-bumbá tornou-se uma brincadeira que alcançou vários lugares do Amazonas, porém, foi em Parintins que a festa cresceu e alcançou o mundo, configurando-se como uma das representações da cultura Amazonense. De brincadeira de rua, onde ocorriam brigas, passou a ser vista como uma das grandes festas folclóricas do Brasil e do mundo, muito devido ao apoio do governo do Estado e dos veículos de comunicação em massa.

---

<sup>5</sup> Na língua Tupi significa a mulher mais bela da tribo. É um dos itens que representa a figura da mulher indígena, como uma mulher forte e guerreira.

<sup>6</sup> Outro item feminino do boi, pode representar uma figura indígena ou vem representando a figura da cabocla Amazônica. É ela que leva o pavilhão de cada agremiação folclórica.

<sup>7</sup> Foram os primeiros itens indígenas importantes da festa do boi-bumbá, representam os chefes das tribos.

<sup>8</sup> Rainha do Folclore, pode representar a figura indígena ou a figura cabocla

Patrocinado pelo estado e por estes veículos de comunicação tomou outras formas discursivas importantes, onde a representação do auto do boi ficou simplesmente como a história que dá sentido à brincadeira, enquanto, a festa do boi ressuscitado ganhou os discursos da proteção da natureza e a preservação da identidade indígena, “a imprensa mundial passou a mostrar a luta dos índios pela terra, devido ao surgimento de movimentos na sociedade civil organizada em defesa dos direitos dos povos indígenas” (RODRIGUES, 2006, p.148-149).

O boi agora, passa a questionar a situação social, em especial, no que diz respeito as lutas ambientais de preservação da natureza. “De repente a sociedade era despertada para a urgência de cuidar do meio ambiente, sob a pena de perecer com rios, lagos, oceanos e mares envenenados, ar poluído e um clima hostil” (RODRIGUES, 2006. p. 154).

Diante dessas novas questões, Parintins muda seu pensamento social, e sua arte passa a servir como instrumento para melhoria da sociedade amazônica. Em meio a este crescimento as classes dominantes do poder vão apoderar-se desse discurso e atribuir a eles o sentido de amor à natureza, aos povos da Amazônia, ao caboclo e aos dois bois representantes da cultura amazonense.

Criou-se fortemente o discurso da paixão, do amor e o sentido de que “quem veste azul, não veste vermelho”. Nos bois antigos, os grupos rivais chegavam a se enfrentar, hoje em dia as brigas ficaram para trás e a poesia e as toadas, tornaram-se pontos altos da disputa pelos bois.

Os torcedores, tanto de um, quanto do outro boi, assumem sua paixão durante o festival folclórico num discurso que vai se modificando ao mesmo tempo em que se vai repetindo ao longo dos anos. Diferentemente das brigas que ocorriam entre os brincantes do boi, o mesmo sentimento de “fanatismo” impera em muitos, a diferença é que agora extravasam seus sentimentos de lutas, nas brincadeiras, na alegria torcida na arena e nos cantos de desafios.

Os torcedores foram valorizados e integrados como item importante na apresentação dos dois bois. Nesta perspectiva os discursos ideológicos souberam levar a popularidade do festival ao gosto dos participantes, que assumiram em si o sentido de nação: “nação vermelha e nação azul”, tornando-se, obviamente fonte de propagação dos discursos encontrados nos bois.

Surgem, assim novos discursos como “garantido o boi do povão”, com intuito de dizer que o Garantido é o boi do povo mais humilde, e assim, mexer com a outra agremiação,

querendo colocar o boi Caprichoso como boi da elite, categoricamente rebatido pelo boi azul, que se autodenomina o “boi de Parintins”, “representante único e original da cultura parintinense e amazônica”.

Nesses novos discursos a posição do sujeito continua representando a situação da sociedade, a configuração primeira permanece a mesma, no entanto, agora, intensificado pela beleza, pela riqueza e pelos apelos à proteção da natureza e à cultura indígena e Amazônica, onde, são usados como tentativa de manutenção da ideologia dominante. Tornou-se para muitos, algo gigantesco que deixou a tradição de lado e se apegou a pomposidade da grandeza, da fama e da rentabilidade econômica que o festival proporciona, tornando-se produto de consumo.

Se antes eram usados como forma de protestos pelos menos favorecidos, agora, são usados como tentativa de manutenção de poder pelo estado e pela mídia, com suas ideologias inseridas dentro dos discursos de amor, paixão e orgulho regional. Por isso Gramsci vai ressaltar a força que tem a propaganda no jogo do poder e na sua manutenção.

- 1) não se cansar jamais de repetir os próprios argumentos( variando literalmente a sua forma): repetição é o meio didático mais eficaz para agir sobre a mentalidade popular;
- 2) trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto é, para dar personalidade ao amorfo elemento de massa, o que significa trabalhar na criação de elites de intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos (GRAMSCI, 1986, p, 34 *in* SOUZA, 2006).

Assim, os personagens continuam representando as lutas de classes dentro de nossa sociedade, Biavati e Silva (2013, p.178) afirmam: “o discurso dos personagens demonstram o papel que cada um representa na história e na construção da sociedade brasileira”.

Ideologicamente o discurso teve algumas modificações, mas, seus fundamentos permanecem o mesmo, a não ser pelos novos discursos que são usados pelo estado como manutenção de seu poder político, econômico e social.

Baseado nisso, a riqueza, o modo de produção representado pelo boi, vai ser metaforicamente representado dentro dos novos moldes de apresentação, onde o território vai ser a nossa própria cultura, nossa gente e nossas riquezas ambientais, tornando-se meio de consumo, aliado a pretensão do estado em manter seu poder político e ideológico.

## **Conclusões**

As representações ideológicas de classes pelo boi-bumbá continuam permeando sua existência, agora unidas com o discurso de preservação da flora, da fauna e do índio, tornando-se com a figura do boi protagonistas discursivos da sociedade Amazonense, muitas vezes, sendo utilizadas pelos meios de comunicação de massa para o sustento de poder daqueles que estão no controle ideológico. Para alguns, essa nova forma de boi-bumbá se afastou das suas origens, valorizando mais o “boi-dinheiro” do que propriamente a festa e as pessoas, por mais que haja um discurso favorável aos povos da Amazônia. Observar isso através da análise do discurso é entender a fundo o que está por trás da grande festa, desde sua origem, até os tempos atuais, objetivando de forma crítica saber distinguir entre o discurso de manipulação ideológico e o verdadeiro discurso de preservação da natureza, da cultura e da beleza dos povos do Amazonas e de toda a Amazônia.

### **Referências**

BLAVATI, N. SILVA C. **A Análise de discurso crítica: Cultura e Folclore na narrativa do Bumbá Meu Boi de Teófilo Antoni (MG)**. Disponível em: < [http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/chtca/marivaldo\\_bentes\\_da\\_silva.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2009/pdf/chtca/marivaldo_bentes_da_silva.pdf)> Acesso em: 16/02/2015;

OLIVEIRA, L.A, SILVA, J.O, SILVA, J.O et AL. **Estudo do Discurso- Perspectiva Teóricas**. São Paulo. Parábola Editorial, 2013;

PECHEUX, M. **Semântica e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

RODRIGUES, A. S. B. **Boi-Bumbá: Evolução** – Livro-reportagem sobre o festival Folclórico de Parintins. Manaus: Editora Valer, 2006;

SOUZA, S. **Análise de Discurso – Linguagem, Sociedade e Ideologia**. Manaus. Valer, 2006;